

ANO LXXXIX - Nº 35 - RIO DE JANEIRO - JUL 2014 / DEZ 2014

ASTURÉIA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS

Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil



Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Administração

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º

Soberano Grande Comendador

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º

Lugar Tenente Comendador

Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º

Grande Ministro de Estado

Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º

Grande Secretário do S.:I.:

Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º

Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Maurício Soares, 33º

Grande Tesoureiro do S.:I.:

José Alves de Alencar, 33º

Grande Chanceler Guarda do Selo

SGCs de Honra

Venâncio Igrejas, 33º †

Brasil

Geraldo de Souza, 33º †

Brasil

Ballo Geay Yacouba, 33º

Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º

Polônia

Carlos Reyes Geenzier, 33º

Panamá

Henri L. Baranger, 33º

França

José Carlos D. Silva Nogueira, 33º

Portugal

Agostinho Fernandes Garcia, 33º

Portugal

Membros Efetivos

Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)

Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)

Adélman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)

Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)

Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1991)

Atyla Quintaes Freitas Lima (22/09/1998)

José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)

José Alves de Alencar (10/03/2001)

Carlos Roberto Roque (21/06/2001)

Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)

Francisco “Bonato” Pereira da Silva (24/09/2002)

Rubens Marques dos Santos (15/11/2003)

Wilson Filomeno (11/09/2004)

Nelson Gonçalves Correlo (11/09/2004)

José Francisco Ribeiro Lopes (30/9/2006)

João Antonio Aidar Coelho (26/07/2008)

Maurício Soares, 33º (18/09/2008)

Rui Silvio Stragliotto, 33º (20/06/2009)

Irineu Ramazzotti, 33º (04/09/2012)

Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º (13/11/2012)

Manif Antônio Torres Julio, 33º (23/09/2014)

Antônio Luiz Corrêa, 33º (23/09/2014)

Anderson Pinto Verçosa Simões, 33º (23/09/2014)

Mantenha atualizado seu endereço junto ao SC 33



Revista Astréa

Órgão Oficial do **Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil**

Fundada em 1º de janeiro de 1927, pelo Ir.: **Mario Behring, 33º**

Registro 009-R na **Associação Brasileira da Imprensa Maçônica**

Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**
Soberano Grande Comendador

Jornalista Responsável

Ir.: **João Guilherme C. Ribeiro, 18º**
OJB 242

Redator

Ir.: **Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º**

Editor Fotográfico

Ir.: **Ricardo Sodré Lira Brandão, 32º**

Criação e Produção

Infinity Editorial e Promocional
Rua Bispo Lacerda, 22 - Del Castilho
21051-120 - Rio de Janeiro RJ

Tiragem desta Edição:
22.000 exemplares

Correspondência

Revista Astréa
Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321- 624 - Rio de Janeiro, RJ
Brasil

Telefone: (21) 3369-8000

www.sc33.org.br
secretaria@sc33.org.br

Os artigos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

Recursos Hídricos

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º Soberano Grande Comendador

Meus Irmãos,

Vivemos momentos de apreensão, em face dos fenômenos meteorológicos de escassez de água, o que considerávamos infinitos. Daí esbanjávamos o precioso líquido em banhos demorados, enquanto exercitávamos nossos dotes líricos. Escovar os dentes era um desperdício, pois, mantínhamos a torneira jorrando, inutilmente. Tudo procedimento comum.

A hora da verdade chegou.

Tais fatos fazem-me retornar a tempos idos. É que fui eleito síndico, o primeiro, do edifício onde passei a residir. Sendo o primeiro, coube-me a tarefa de dotar o prédio dos adornos requeridos. Dentre eles encomendei a um jardineiro que enfeitasse a frente do prédio, o que resultou em um pequeno, porém belo jardim. O trabalho ensejou inúmeros elogios, até que um vizinho, pessoa famosa no passado, mercê de suas composições musicais, encontrando-se comigo à frente do prédio, derramou-se em palavras de encantamento pelo aspecto do jardim. Foi a conta, uma semana depois as plantas morriam e a arte do jardineiro desapareceu.

Conto este episódio, do “**Seca Pimenteira**”, para lembrar de outro. É que um procer político brasileiro, em visita a uma ilha do Caribe, ouviu do seu dono: “**O Brasil é um país feliz, tem muita água.**” Danamo-nos, a fonte secou.

Afastados esses preâmbulos, ingressamos na dura realidade: temos de tratar a água de maneira racional, sem desperdícios. Devemos iniciar uma cruzada de contenções, inclusive fiscalizando os demais, concitando-os a economizar o “**precioso líquido**”.

É tarefa a que os Maçons devemos nos dedicar. Iniciemos em nossos próprios lares e ambientes e estendamos nosso esforço até aonde possamos influir.

Dos Poderes Públicos pouco podemos esperar, dadas as tradicionais omissões e desastrosas ineficiências. Seus interesses permanecem em conquistar o poder e mantê-lo, custe o que custar.



Exemplos são inúmeros, obras inacabadas, gerando **esqueletos** em todo o território nacional. É preciso abandonar os investimentos de governos passados, especialmente se adversários, e iniciar **obras novas**. Exemplo mais recentes são as Refinarias do Ceará e do Maranhão; quantos bilhões de reais desperdiçados, em detrimento da assistência aos sem teto e sem alimento.

A Maçonaria dispõe de um “poder” que sequer imaginamos, mercê de sua organização universal e do imaginário em torno dos seus “mistérios”. Exemplo clássico é a procura por inclusão de candidatos a vencer na vida. Há, inclusive inúmeras anedotas em torno.

Temos, pois, o dever de exercitar esse “poder”, influenciando no uso racional do “precioso líquido”, tão desdenhado no passado.

Iniciemos em nossos próprios lares, evitando desperdícios comuns. Invistamos na influência sobre amigos, vizinhos e conhecidos, incitando-os a economizar água. Sobretudo, é necessário esquecer antigos hábitos, comuns a quase todos. Afinal um dos ícones de nossos objetivos é **tornar feliz a humanidade**.

Tenhamos em mente que o único líder que desdesdentou seu povo de há muito se foi (Êxodo Cap. 15:22/27 e 17:1/06).

Cumprir nosso dever para com a Pátria e com toda a Humanidade é o dever da Maçonaria. ▲

O Grande Arquiteto do Universo nos orientará.



Visconde do Uruguai Diplomata do 2º Reinado



Ir. Francisco Feitosa, 33º
Editor do Astréa News
Grande Bibliotecário do Supremo Conselho

Em meio ao momento atual, em que a política brasileira carece de nomes ilibados para que possamos nos orgulhar, reservamos especial espaço, nesta edição, para destacar a grandeza de um nobre personagem de nossa história, que marcou, positivamente, a vida política desse país. Falamos de **Paulino José Soares de Souza**, o visconde Uruguai – Um diplomata do Segundo Reinado, na acepção da palavra.

Nascido em Paris, na França, em 4 de outubro de 1807, onde seu pai, **José Antônio Soares de Sousa**, ainda estudante, tinha se casado com **Antoinette Marguerite Gibert**, filha de um livreiro, **Gibert**, que terminou guilhotinado durante a Revolução Francesa. Com a queda de **Napoleão**,

o jovem casal retornou a Portugal com um filho pequeno, **Paulino**, e, depois de alguns anos, fixou-se no Maranhão.

Paulino iria permanecer com a família até aos quinze anos, idade em que também ele embarcou para iniciar os estudos de Direito em Coimbra. Após quatro anos, teve que interromper os estudos por dois motivos: um foi ter sido preso com outros estudantes brasileiros, todos acusados, injustamente, de haverem participado da rebelião do Porto de 1828. O outro, foi ter a universidade suspenso temporariamente as aulas. Desgostoso e indignado por ter sido preso injustamente, **Paulino** embarcou de volta para o Maranhão, onde pouco tempo se deteve, seguindo depois para São Paulo, a fim de terminar o curso de Direito na Faculdade que ali acabava de ser fundada, concluindo seu curso 1831 na Faculdade de Direito de São Paulo. Iniciou a vida pública na magistratura, sendo juiz de fora na

Brasão imperial brasileiro



Sob o retrato do visconde do Uruguai vemos uma sessão do Senado Brasileiro ao final dos anos de 1890. Embora Paulino José Soares já tivesse falecido, a foto capta bem a atmosfera solene do Parlamento à época.



cidade de São Paulo e, depois, ouvidor da comarca. Chegou a desembargador da relação da Corte, em 1852, aposentando-se como Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, em 1857. Em 1836, fora eleito deputado pelo Rio de Janeiro, sendo no mesmo ano nomeado presidente da província.

Casou-se com **Anna Maria Álvares de Azevedo Macedo**, com quem teve 7 filhos, cunhada de seu grande amigo **Joaquim José Rodrigues Torres**, o então, Ministro da Marinha e o futuro **Visconde de Itaboraí**, primeiro Presidente da Província do Rio de Janeiro, sendo seu sucessor, em 30 de abril de 1834. Pouco antes dos seus trinta anos, **Paulino** completaria, assim, sua transição pessoal de magistrado a homem de estado, dando prosseguimento à obra administrativa de **Rodrigues Torres**, no Rio de Janeiro.

Em maio de 1840, recebeu a pasta da Justiça, caindo com o ministério um mês depois, por força da proclamação da maioria de **D. Pedro II**. Foi, sem dúvida, a mais eminente figura do Segundo Reinado brasileiro. Magistrado, di-

plomata e político, ingressou na vida política aos 25 anos de idade, sendo deputado em várias legislaturas, Ministro da Justiça por duas vezes e três vezes Ministro dos Negócios Estrangeiros. Eleito Senador vitalício pelo Imperador e Membro do Conselho de Estado. Foi quem elaborou um novo Código do Processo e a Lei de Interpretação do Ato Adicional, que trouxeram a pacificação das províncias, depois das rebeliões do período da Regência e a unificação da nação.

Desembarque de escravos no Rio de Janeiro, baseado em gravura de Johann Moritz Rugendas

Ainda, que a lei da abolição do tráfico tenha sido apresentada e assinada pelo, também, Irmão **Eusébio de Queiroz**, e por esse motivo leve o nome do, então, Ministro da Justiça, foi do Irmão **Paulino** a iniciativa, a elaboração e a ferrenha defesa, que culminou com a aprovação final da lei.

A atuação de **Paulino** no trato da espinhosa posição do Brasil com relação ao ditador **Juan Manuel Rosas**, da Argentina, revelou requintada habilidade diplomática. Como Ministro dos Negócios Es-



Dois selos, duas histórias: O Banco do Brasil foi criado em 1808, como consequência da vinda da Família Real, mas sua fase lucrativa só começou com a efetiva liderança do Visconde de Itaboraí.

A lei que que aboliu o tráfico de escravos para o Brasil tem o nome de Eusébio de Queiroz, que a apresentou e assinou, mas a iniciativa e a ferrenha defesa foram do Visconde de Uruguai.





A região do Prata sempre esteve na pauta da diplomacia durante o Brasil Imperial. O auxílio das tropas brasileiras foi decisivo para que a oposição argentina derrubasse o ditador Juan Manuel Rosas. Acima, as armas imperiais na batalha de Monte Caseros.

trangeiros, **Paulino** manteve contatos com os representantes dos diferentes estados que, além do Brasil, eram os interessados no conflito, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Argentina, assim como com os embaixadores da França e da Inglaterra, os quais, tacitamente, inclinavam-se a favorecer o plano de **Rosas**, de restaurar o antigo Vice-Reinado do Prata, com a consequente diminuição do papel representado pelo Brasil na região.

Durante dois anos, **Paulino** urdiu e executou a estratégia que provocaria, eventualmente, a queda de **Rosas**, a vitória das tropas aliadas e a definitiva afirmação de nossa posição no sul do continente. Embaixador Plenipotenciário, **Paulino** representou o Brasil na corte de **Napoléão III**, onde tratou da espinhosa questão dos nossos limites no Amazonas, defendendo o limite da Guiana Francesa no Oiapoque, em oposição às pretensões francesas que de muito ampliariam o território francês

na região. Católico convicto, nesse período, visitou o **Papa Pio IX**, com quem manteve longa conversa, assegurando-lhe a fidelidade de seus súditos brasileiros.

Foi Senador do Império em 1849, na bancada do Partido Conservador e Conselheiro de Estado em 1853. Recebeu o título de **Visconde de Uruguai**, em 1854, acrescido com as honras de grandeza. Publicou diversos trabalhos parlamentares e jurídicos, entre os quais “*Ensaio sobre o Direito Administrativo*” (1862) e “*Estudos Práticos sobre a Administração das Províncias no Brasil*” (1865).

Além de sua brilhante trajetória política, o ilustre brasileiro **Paulino José Soares de Souza**, ingressou na Maçonaria, desde os tempos de estudante, em São Paulo. Muito pouco material se tem sobre sua vida maçônica. Durante um período muito conturbado da Maçonaria no Brasil, quando da existência de duas Obediências

Simbólicas, em acirrada disputa, que envolvia o *Grande Oriente do Brasil* e o *Grande Oriente do Passeio*, foi eleito Grão-Mestre do *Grande Oriente do Passeio*, em 1855, momento em que representava o Brasil, em Missão Diplomática, na Europa, assumindo em seu retorno, em 1856.

Foi o quinto Soberano Grande Comendador do *Supremo Conselho do R.:E.:A.:A.:* (1855-64), quando, em 1864, foi um dos artífices



(Reprodução)



da fusão das duas Obediências, o que trouxe, ainda que breve, um momento de harmonia no seio da Maçonaria Brasileira. Por essa fusão confederaram-se as duas Potências Soberanas, o *Grande Oriente do Brasil* e o *Supremo Conselho*: o *GOB*, uma verdadeira confederação de Ritos e o *Supremo Conselho* com administração, apenas, do *Rito Escocês Antigo e Aceito*, iniciando o período em que, dentro da Federação, o chefe supremo da Maçonaria Brasileira reunia em suas mãos os poderes de Grão-Mestre do *Grande Oriente* e de Soberano Grande Comendador do *Supremo Conselho*, findando em 1927, com **Mário Behring** e a criação das *Grandes Lojas*.

Homenageando tão ilustre Maçom brasileiro, existem sob a jurisdição do *Supremo Conselho* quatro Altos Corpos Filosóficos, com o patronímico de **Visconde do Uruguai**: uma *Excelsa Loja de Perfeição*, no Vale de Realengo – 1ª RJ; um *Sublime Capítulo Rosa Cruz*, no Vale de Linhares – 3ª ES; dois *Consistórios de Príncipes do Real Segredo*, no Vale de Três Rios – 6ª RJ e no Vale de São Paulo – 1ª SP.

Torna-se impossível narrar, nessas breves linhas, o que foi a vida de tão ilustre brasileiro. Para tanto, disponibilizaremos algumas matérias, através de *links*, que poderão, a quem interessar, elucidar de forma mais amiúde sua vida e sua obra.

O extinto jornal carioca “*A Manhã*”, edição de 12 de junho de 1949, portanto completando 65 anos, publicara ampla matéria sobre a exemplar vida desse nobre brasileiro, intitulada “*Um Diplomata do Segundo Reinado*”.(1) De autoria de **Miguel Gustavo de Paiva Torres**, um verdadeiro tratado baseado na biografia “*A Vida de Visconde do Uruguai*”, escrita pelo neto do biografado, **José An-**



tonio Soares de Souza; “*Visconde do Uruguai e sua Atuação Diplomática para a Consolidação da Política Externa do Império*”.(2) O estudo filosófico, publicado pela Profª Drª **Anna Maria Moog Rodrigues** “*Visconde do Uruguai e Sua Ética Estadista*”.(3)

Referindo-se à sua atuação como habilidoso diplomata, assim falou o Barão de Cotegipe: “Era capaz de valsar sobre uma mesa repleta de cristais, sem tocar numa peça”.

Deixou, em sua memória, um dos mais belos discursos políticos do país, lido em 28 de maio de 1858, cujos ecos ressoam no tempo presente. “Começarei por declarar que nunca compreendi e ainda hoje não compreendo essa política. Creio que o governo, apregoando-a do modo pelo qual o faz, promete aquilo que não pode fazer e atribui a si resultados que não são seus”.

Links para consulta

- (1) (<http://www.sc33.org.br/documents/visconde-uruguai.pdf>)
- (2) (http://funag.gov.br/loja/download/853-0_Visconde_do_Uruguai_e_sua_atuacao_diplomatica_para_a_consolidacao_da_politica_externa_do_Imperio.pdf)
- (3) (http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art13_rev7.pdf).

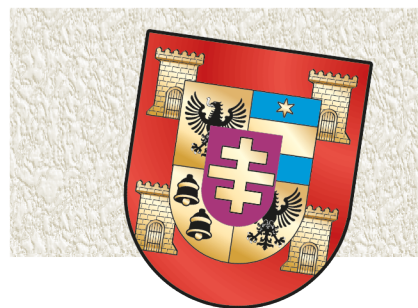
O diplomata do Império, José Antônio Soares de Souza, **Visconde do Uruguai**, em óleo de José de Arimateia, quadro pertencente ao acervo do Supremo Conselho

Sua figura é lembrada como a de um homem enérgico e estudioso, habilidoso e cioso de sua autoridade. Um homem austero, de fino trato e reservado. Foi um dos maiores responsáveis pela política de conciliação nacional que, por quase cinquenta anos, propiciou a paz e a prosperidade ao país.

Foi acometido por um surto de febre amarela e envelheceu prematuramente, vindo a falecer com 59 anos de idade. Morreu pobre e depois de sua morte os amigos pleitearam uma pensão para a viúva e para sua filha caçula, que lhes foi concedida.

Quis o G.:A.:D.:U.: que, hoje, exatos 150 anos após, seu tetranelto, o Ilustre e Poderoso Irmão **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, estivesse ocupando (1998-2018) o honroso cargo de Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do R.:E.:A.:A.:. ▲

O brasão d’armas do Soberano Grande Comendador Luiz Fernando Rodrigues Torres *conserva as torres e as águias, elementos heráldicos de seu ilustre predecessor.*



O timbre do Supremo Conselho ligado ao Grande Oriente do Passeio mostra o ano em que foi fundado, 1830 E.V.



Os novos Areópagos e a pompa coruscante

Προπύλαια (*propylaia*), em grego, designava a entrada da Acrópole de Atenas, palco da Idade de Ouro da Grécia.

Ir.: José Maurício Guimarães, 33º

Não se surpreendam, mas os Graus além do 3º (Mestre Maçom) não devem ser chamados de “graus filosóficos”. A denominação correta é **Altos Graus** ou **Graus Superiores**. Todavia, os que se sentiram melindrados com as palavras “alto” e “superior” preferiram incentivar o erro ao atribuir a esses Graus o epíteto de “filosóficos” uma vez que julgaram melhor não ser filósofo do que estarem supostamente “por baixo” ou “inferiores”. Em Maçonaria não existe em cima nem em baixo; quase que se pode aplicar a regra do **Trismegistos**: os que estão acima são como os que estão no baixo, para formarem uma só coisa; no nosso caso, a Maçonaria.

Eu prefiro ser o mínimo dos mortais, sabendo que nada sei e, estando no andar de baixo, aprender com os Filósofos, do que ter uma congestão cerebral com tanta plenitude maçônica de 3º Grau, uma vertigem que, se mal compreendida, pode levar os incautos ao ridículo.

Na terminologia maçônica, Graus Filosóficos compreendem apenas

o *Conselho de Cavaleiros Kadosh*; no *Rito Escocês Antigo e Aceito*, os Graus que vão do 19º ao 30º, ou seja: XIX - Grande Pontífice Sublime Escocês; XX - Soberano Príncipe da Maçonaria Grão-Mestre Ad Vitam; XXI - Noaquita Cavaleiro Prussiano; XXII - Cavaleiro do Real Machado Príncipe do Líbano; XXIII - Chefe do Tabernáculo; XXIV - Príncipe do Tabernáculo; XXV - Cavaleiro da Serpente de Bronze; XXVI - Príncipe da Mercê Escocês Trinitário; XXVII - Grande Comendador do Templo; XXVIII - Cavaleiro do Sol; XXIX - Cavaleiro de Santo André e XXX - Cavaleiro Kadosh.

Esses nomes podem parecer pomposos, ostentatórios ou exibicionistas. Parecem, mas não são, pois não designam a pessoa em si, mas às características do Grau. Assim, o Grau XX é o *Princeps Soberano* da Maçonaria, mas não significa, indiscriminadamente, que todos os que participaram de determinada cerimônia e receberam um avental ou medalha sejam, implicitamente, Príncipes de qualquer coisa ou Grandes Pontífices. O mesmo se

dá nos Graus simbólicos: nem todo aprendiz é Aprendiz, nem todo companheiro é Companheiro. Acrescente-se que nem todo mestre é Mestre Maçom: às vezes só tiveram um “contato imediato do terceiro grau”.

Indivíduos dados ao alarde, bazófiás e gabarolices hão de sentir-se pomposos mesmo com uma medalha de lata pendurada no pescoço. Os que percorreram os *Altos Graus* sem compreenderem seus conteúdos e sequer o significado do título do Grau, é o mesmo que tivessem permanecido nos três primeiros Graus – com um agravante: deixaram de ser Aprendizes, Companheiros e Mestres para tomarem parte de algo apenas por curiosidade.

Os Graus 19º ao 30º receberam esse nome – “filosóficos” – em homenagem ao *Areópago* – local da Acrópole na Colina de **Ares** (daí o nome), construído por volta de 450 a.C., em Atenas, onde se reuniam os responsáveis pela educação; no mesmo local aconteciam as sessões do tribunal.

Conta-se que os seguidores de **Epicuro** e os de **Zenão de Cítio** (*estoicos*) entraram em discussão com o apóstolo **Paulo** no *Areópago* – pois



lá era o lugar destinado aos debates e polêmicas, onde cada participante defendia pontos de vista opostos, principalmente em se tratando de religião. Então, os gregos pediram que **Paulo** lhes provasse a excelência daquela nova doutrina religiosa que falava do Cristo ressuscitado. Diz a Bíblia (Atos 17:24.2) que **Paulo** pronunciou um discurso que botou epicuristas e estoicos de boca aberta. Alguns deles zombaram; e outros disseram: “*Sobre esses assuntos nós o ouviremos noutra ocasião*” – e viraram-lhe as costas.

A história se repete... Isso é bastante comum entre nós: quando os que nos cercam estão distantes dos estudos que empreendemos, simplesmente viram-nos as costas e debocham; “*devido ao adiantado da hora*”.

“*O tempora o mores!*”, suspirou o decepcionado **Cícero** – Oh, que tempos! Oh, que costumes!

Voltando ao bom e velho *Areópago*, é bom lembrar que os primeiros maçons brasileiros entendiam melhor o significado da palavra “filosófico” quando usada no âmbito de nossa Ordem. Em 1796 foi fundado o *Areópago de Itambé*, em Pernambuco, considerado o germe das primeiras Lojas maçônicas no Brasil. Dizem por aí que a Maçonaria não deve viver só de passado; correto, mas persiste a pergunta: estamos vivendo de quê?

Toda instrução maçônica deve buscar um objetivo prático, pois do contrário torna-se somente uma pompa coruscante, um exibicionismo. Tudo o que não tem utilidade para melhorar a vida ou que não traz felicidade é prejudicial à humanidade.

Primitivamente, o R.:E.:A.:A.: chamou aos Corpos maçônicos do 19º ao 30º de *Areópago*; depois, nomeou-os como “*Conselho de Cavaleiros Kadosh*”. Mas algum desavisado, lendo o antigo verbete numa enciclopédia, entusiasmou-se com a ideia de “virar filósofo” e chamou esses Graus de “filosóficos”, embora neles não seja ministrado nem estudado qualquer tipo de Filosofia no sentido formal do termo, ou seja: disciplinas que abrangem a lógica (inferência, raciocínio dedutivo e indutivo, etc) a epistemologia, a metafísica e assim por diante.

Do mesmo modo que Jesus e outros mensageiros das religiões são ho-

menageados e honrados nos estudos do *Capítulo Rosacruz* (Graus XV ao XVIII), sem que por isso a Maçonaria se transforme em religião, assim também a homenagem ao *Areópago* grego, não transforma nenhum maçom em filósofo.

Nada impede, entretanto, que os maçons almejem tornarem-se filósofos. Isso é até desejável, haveria menos disputa por cargos, menos leis repressivas, menos tribunais, e mais discussão e concorrência na busca do conhecimento e da virtude.

Da mesma forma teríamos uma melhor República se os homens fossem filósofos, amantes da sabedoria; e teríamos melhores governantes se os banquetes dos palácios fossem frequentados por livres pensadores e não por livres infratores da lei.

“*O tempora o mores!*” ▲

Os primeiros Maçons brasileiros entendiam melhor o significado da palavra "filosófico" quando usada no âmbito de nossa Ordem.



Detalhe do mural *A Idade de Ouro de Atenas*, afresco do artista austríaco **Eduard Lepiedzki** (1862-1915), Universidade de Atenas





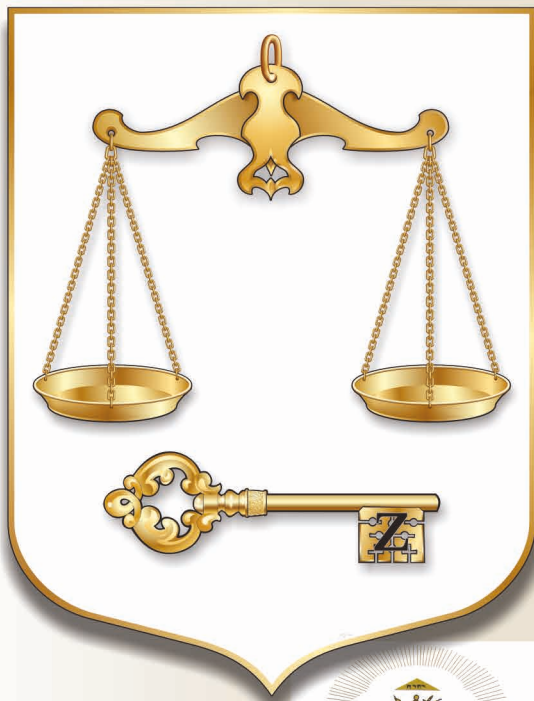
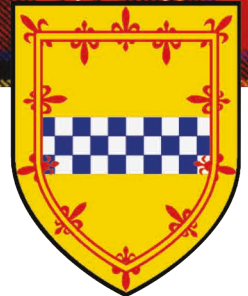
O pelicano que rasga o peito para alimentar os filhos é uma imagem não deixa de ser comum entre nós, cristãos. Mas que seja um símbolo tanto da casa Stuart como do Grau 18, certamente alimenta as muitas histórias a respeito do nosso R.:E.:A.:A.:....



Emblemas heráldicos do Rito Escocês Antigo e Aceito

Texto e ilustrações de
Ir.: João Guilherme C. Ribeiro, 18º

(Continuação)



Grau 7

Preboste e Juiz

O escudo é branco, sem orla, enfatizando o tema do Grau, o julgamento justo e imparcial, ainda que temperado pela misericórdia, quando merecida. Na base, uma chave de ouro tem a letra Z inscrita em negro, evocando a responsabilidade da custódia do segredo. Sobre ela, uma balança de dois pratos, em ouro, um ícone do julgamento desde os tempos egípcios. Também não há diferença na representação italiana. O Grau, cujo título é derivado de fonte bíblica (*I Crônicas 23:4*), aparece no manuscrito de **Francken**, traduzido de rituais franceses datados de 1754, segundo **Forrest**.



Grau 8

Intendente dos Edifícios



O escudo é branco, orlado de azul. Na base, está um candelabro de sete braços em ouro, aceso. Sobre ele, há uma balança dourada, sobre cujo fulcro repousa uma estrela de nove pontas, em azul. Entre os dois pratos que pendem da balança, está um triângulo verde, com as letras B, A e I em ouro. Na realidade, o I refere-se a J. Do mesmo modo que aconteceu com o U e o V, o I e o J somente foram tidos como letras distintas após a Idade Média. Estas letras referem-se: B (*beth*), a Benchorin, o filho nobre (*Ben-khurim*); A (*aleph*), a Achar, conturbação; e I (iod) a Jakiná, alternativa de Shekiná (*Jakinah*) presença de Deus nos Santos dos Santos. No reverso das joias, estão representadas em caracteres fenícios e samaritanos.

As diferenças do brasão italiano estão na orla, que é verde, e na estrela de nove pontas, que é dourada. Também parece ter sido praticado na Loja Escocesa de Bordeaux, na França, por volta de 1750.



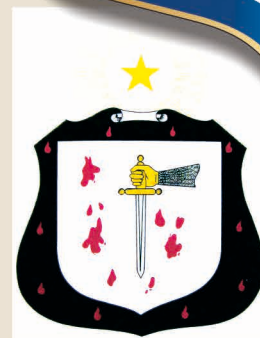
Grau 9

Cavaleiro Eleito dos Nove



Aqui é explícita a epopeia de vingança pela morte de Hiram Abiff. O escudo é branco, orlado de azul, semeado de manchas de sangue. Do alto, um punho de sua cor, vestido de azul, se projeta da direita, segurando um punhal de cabo dourado e lâmina de prata, voltado para baixo. No *Supremo Conselho Jurisdição Sul, USA*, o avental foi modificado. O punhal permanece como a joia do Grau, mas no lugar da cabeça e das manchas de sangue, está uma vela cuja luz ilumina uma caverna, simbolizando a luta pelo esclarecimento para dissipar as trevas da ignorância e da superstição.

Na representação italiana, a mão é dourada, o braço é armado com cota de malha prateada e o brasão não tem orla azul. Tudo leva a crer que o Grau era praticado, por volta de 1743, na cidade de Lion, na França.



Grau 10

Eleito dos Quinze

Sequência da vingança pela morte de **Hiram**. O escudo é branco, tendo ao centro uma representação da Cidade de Jerusalém, com três torres e três portas, cada uma delas com uma cabeça humana em ouro, fixada no topo de uma estaca, representando a execução dos assassinos. Na base do escudo, está um punhal de cabo dourado e lâmina de prata, voltado para a esquerda. Aqui vale destacar uma observação no site dos Corpos no Vale de Jacksonville, na Flórida, referindo-se à prática ritualística das *Blue Lodges*, as Lojas Simbólicas americanas: “*Os Graus do R.:E.:A.:A.: diferem acentuadamente dos Graus Simbólicos do Rito de York com respeito a essa parte da alegoria. Os assassinos não são capturados no Grau de Mestre, mas nos Graus 9 e 10 do R.:E.:A.:A.:.*”

Na representação italiana, a única diferença está na cidade, que é prateada. Sabe-se que o Grau era praticado no regimento de Foix em 1763, mas deve se anterior, porque é sequência do tema da perseguição e captura dos assassinos de **Hiram Abiff**.

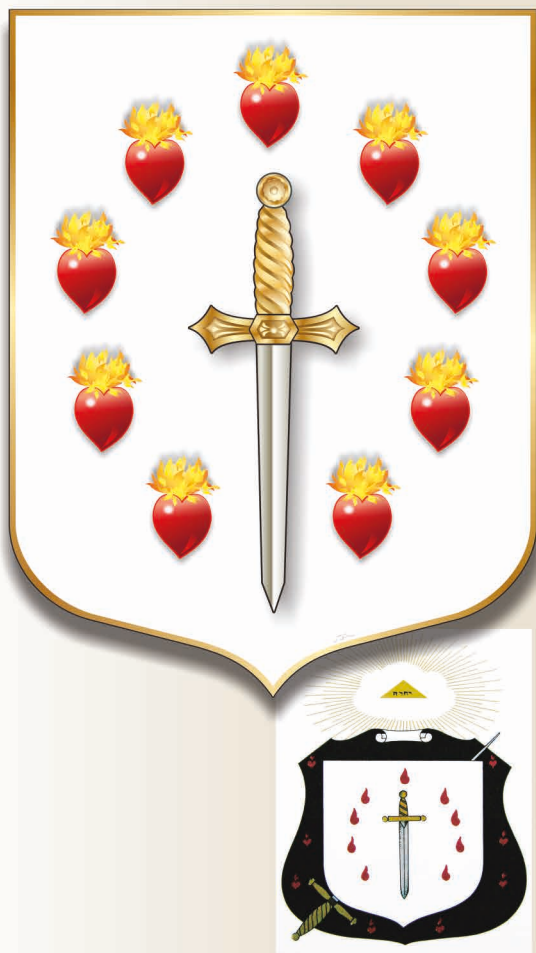
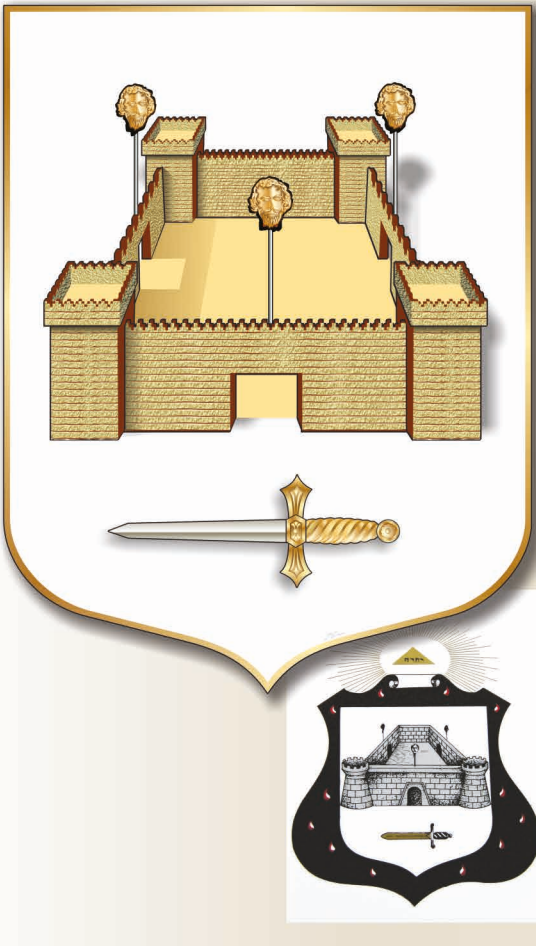


Grau 11

Sublime Cavaleiro Eleito ou Cavaleiro Eleito dos XII

O escudo é branco, sem orla. Ao centro, está um punhal de cabo dourado e lâmina de prata, na vertical e voltado para baixo, evocando Hebreus 4-12: “*A Verdade é mais afiada do que a espada de dois gumes*”. Ele é circundado por nove corações flamejantes, que simbolizam o zelo e o devotamento no cumprimento dos deveres, mesmo que ao preço do sacrifício individual. Podemos chamá-lo de grau da meritocracia e da cidadania.

O Grau, para os autores italianos provavelmente, deriva dos demais Graus da série *Eleito*, por volta de 1742. No brasão italiano, há gotas de sangue ao redor do punhal. Os corações flamejantes estão no manto negro do brasão.



Grau 12

Grande Mestre Arquiteto



O escudo é branco, orlado de azul, ostentando as Colunas das cinco ordens arquitetônicas, maiores nos extremos e diminuindo para o centro. Apresentadas da esquerda para a direita, temos: toscana, dórica, jônica, coríntia e compósita. Sobre elas, está um nível egípcio de madeira e, abaixo, um Compasso aberto em 60º graus, entrelaçado a um Esquadro. No centro deles, estão as Letras **R** e **N**. O conjunto exorta o Mestre Arquiteto a aplicar analogamente os instrumentos de seu ofício na vida real.

A Jurisdição Sul, USA, usa outra lenda neste Grau, chamado Mestre da Misericórdia (*Master of Mercy*), baseada na história bíblica de José e seus irmãos.



Grau 13

Cavaleiro do Real Arco

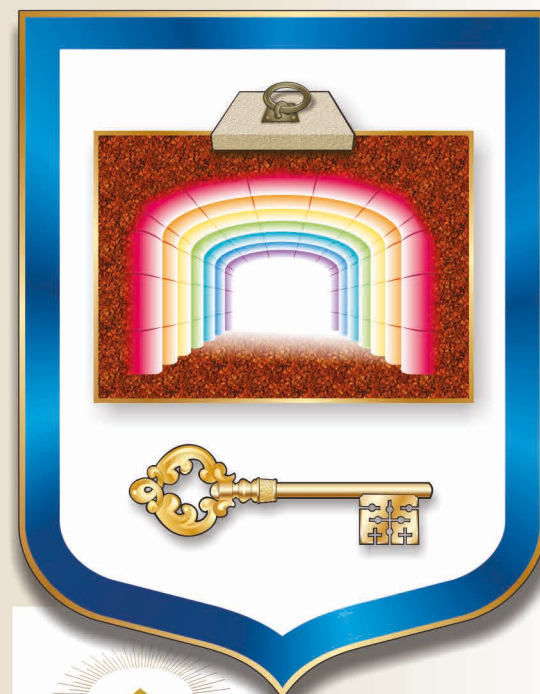
O escudo dos nossos rituais também é branco e orlado de azul, como o anterior. Ao centro, há um corte subterrâneo cor de terra, dentro do qual está representada a abóbada secreta, suportada por sete arcos, cada um em uma das cores do arco-íris. Sobre a abóbada, está um alçapão com um anel dourado. Sob o conjunto, está uma chave dourada.

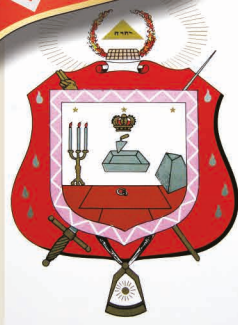
Sobre este Grau, vale conhecer o que diz **Albert Mackey** em sua *Enciclopédia da Francomaçoneria*: “Maçonaria do Real Arco: Esta divisão da Maçonaria especulativa se ocupa da investigação dos mistérios relacionados ao Real Arco, não importa sob que nome ou qual Rito. Assim, os mistérios do Cavaleiro no nono arco constituem a Maçonaria do Real Arco tanto do Rito Escocês Antigo e Aceito como a do Real Arco de Zorobabel do Rito de York.”

Voltando ao site dos Corpos no Vale de Jacksonville, na Flórida, temos uma explicação que ajuda a interpretar os elementos do brasão: “A tradição nos revela que Deus,

vendo em Enoque um homem de virtude, decidiu revelar-lhe seu verdadeiro nome. Depois de recebê-lo em um sonho, a visão de Enoque continuou e ele foi levado através de nove arcos até uma câmara subterrânea que continha uma placa triangular de ouro, sobre a qual estava escrito o nome de Deus. Enoque interpretou o sonho como de inspiração divina e, depois de peregrinar pela Terra Santa, escavou nove câmaras verticalmente na terra, cada uma encimada por um arco, sendo a inferior escavada na pedra sólida. Nela, ele colocou um pedestal de alabastro e, sobre ele, uma placa triangular de ouro com o nome da Divindade escrito, desta forma cumprindo sua visão.”

A lenda menciona nove arcos e assim é representada no brasão italia-





Grau 14

Grande Eleito ou Perfeito e Sublime Maçom

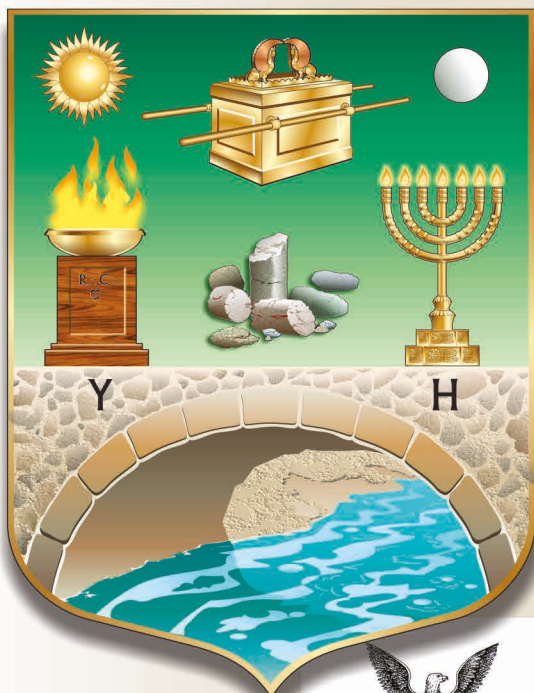
no, que não tem moldura. Nele, os arcos não são coloridos.

O último dos *Graus Inefáveis*, chamado também de Grau da Perfeição, é relacionado ao Grau anterior. Seu brasão é cortado, orlado de vermelho. Inscrita na orla, há uma linha branca em ziguezague. O fundo é branco no campo superior, cerca de dois terços, e cor de terra no campo inferior. Nesta, representando o solo, há um alçapão relacionado à câmara onde era guardado o *Nome Inefável da Divindade*, com um anel de bronze. Ao lado esquerdo, apoiado no chão, estão um candelabro aceso de três velas acesas à esquerda e uma pira em chamas à direita. Sobre o campo superior branco, logo acima do alçapão, há uma caixa de argamassa e uma colher de pedreiro, de prata, encima-



das por uma coroa. Sob cada um dos três, fica uma estrela dourada.

O brasão italiano tem a orla púrpura pálido e, em lugar da pira em chamas à esquerda, o altar dos sacrifícios. Mackey relacionava especificamente este Grau com os grupos que desejavam a restauração da dinastia **Stuart** ao trono da Inglaterra, acreditando que as características do trabalho ritualístico tornavam provável essa associação, ainda que não provada. É bem possível que a oposição ferrenha que o **duque de Sussex** fazia aos Altos Graus provenientes da



Grau 15

Cavaleiro do Oriente

França fosse produto do temor dessa concepção.

A lenda do Grau, baseada nos Livros de **Esdras** e **Neemias**, relata como, depois da queda de Jerusalém, tomada pelos exércitos de Nabucodonosor, o povo judeu, levado à Babilônia, lá ficou exilado por 70 anos. Quando os persas conquistaram a Babilônia, o rei **Ciro** libertou os judeus e seu eventual sucessor, **Dario**, permitiu que reconstruíssem o Templo destruído. O escudo mostra elementos referentes ao retorno a Jerusalém. O escudo é cortado, verde no campo superior e de sua cor na inferior, nesta representando a Ponte de Pedra sobre o rio Eufrates, que deveria ser cruzado pelos peregrinos em seu retorno. Na borda inferior do campo verde, estão o

Altar dos Holocaustos e o Candelabro de Sete Braços, aceso. Sob o Altar, estão inscritas na Ponte as Letras **Y** e **H**, sob o Altar e o Candelabro, respectivamente. Entre os dois, aparecem os Destroços do Primeiro Templo. Finalmente, no topo do campo verde, está a Arca da Aliança entre o Sol, à esquerda, e a Lua, à direita. Na versão italiana, aparecem também as ferramentas para a reconstrução do Templo e uma espada. Como bem interpretou **José Castellani**, "*Como havia inimigos por toda parte, os trabalhadores que reconstruíram o Templo e os muros de Jerusalém, trabalhavam*



Grau 16

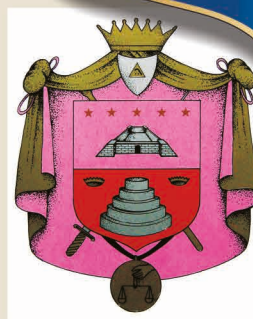
Príncipe de Jerusalém

com uma trolha numa das mãos e uma espada na outra”.

Sequência do Grau anterior, este retrata como a justiça de **Dario** per-



mitiu a reconstrução do Templo ao submeter os adversários samaritanos que temiam que Israel voltasse a crescer. Por isto, o escudo, orlado de azul, é cortado para mostrar diferentes representações da Cidade Sagrada em cada campo. O campo superior, como uma aurora, mostra a Jerusalém Material reconstruída. Sobre ela, temos cinco Estrelas de Cinco Pontas em ouro, referência aos embaixadores judeus à corte do rei persa. No campo inferior vermelho está a Jerusalém Celestial (*Gálatas 4:26*), ladeada por duas Coroas de ouro. A forma circular lembra a concepção da cidade como centro do Universo, tal como na carta atribuída a **Cristóvão Colombo**, guardado na Biblioteca de Paris. As Coroas, lembram o rei **Dario**, da Pérsia, e **Zorobabel**, príncipe da casa de **Judá**, que chefiou a delegação dos embaixadores. No escudo italiano, o rosa substitui a aurora, uma vez que o gradiente do amarelo ao rosáceo não estava disponível para os recursos gráficos contemporâneos da criação dos brasões, e a cidade é prateada.



Grau 17

Cavaleiro do Oriente e do Ocidente

Aqui, a referência não é mais ao Templo, mas às Ordens de Cavalaria, ou fase “religiosa”, como a ela se refere **José Castellani**. O Grau teve origem no *Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente* e se refere à proteção dos peregrinos a Jerusalém. O escudo é partido, o campo esquerdo em ouro e o direito em negro. No campo dourado, acima, está o conjunto de um Arco de prata, com a corda frouxa, e Três Setas em ouro, denotando “*disposição para a luta, mas com resignação e paciência*”. Abaixo dele, o Cordeiro de Deus, símbolo do sacrifício, repousa sobre um Livro de capa de bronze, fechado por Sete Selos, cada um com uma das cores do arco-íris, evocando os sete deveres dos *Cavaleiros do Oriente e do Ocidente*. No campo negro, ao alto está um Crânio, símbolo da morte a não ser temida. A Balança de prata, sustentada por duas Espadas, com lâminas de prata e punho de ouro, traduzem a determinação de combater pela justiça. Abaixo, um incensório de prata, onde queima



Grau 18

Cavaleiro Rosa-Cruz ou Cavaleiro da Águia Branca e do Pelicano

o incenso aromático que se eleva, símbolo da devoção ao Altíssimo.

León Zeldis, erudito Past Soberano Grande Comendador, menciona que a primeira conexão que temos ligando a Maçonaria aos ideais do Rosicrucianismo data de 1638, pouco depois do aparecimento do *Fama Fraternitatis*, no poema *Muses Threnodie*, de Henry Adamson, publicado em Edinburgo, “*Porque nós, Irmãos da Rosa Cruz, temos a palavra do Maçom e a segunda visão; as coisas que virão poderemos bem predizer*”. Se nos lembrarmos de que a primeira edição do *Fama* incluía um outro trabalho, intitulado *A Reforma Geral e Universal do Mundo Inteiro*, fica evidente o apelo emocional deste Grau, já trabalhado em Lion por volta de 1762. Esta ideia de reforma, do caminho das sombras da ignorância e da superstição à luz, não apenas explica que o Grau tenha sido incluído nos outros Ritos de origem francesa (*Adonhiramita*, *Moderno* e também no *Rito Brasileiro*) como nos permite apreciar melhor o seu brasão. Segundo o rigor heráldico, o escudo é orlado de vermelho e partido, o campo à esquerda em negro e o à esquerda em branco. No campo negro está uma Cruz Latina em vermelho, com um Ramo com uma Rosa vermelha na interseção dos dois braços. No campo branco, um Compasso de ouro, aberto a 60°, repousa num Arco de Círculo, igualmente em ouro. No centro do conjunto, ente as pernas do Compasso, um Pelicano risca o peito com o bico para alimentar os filhos com seu próprio sangue. Acima dele, uma Cruz Latina vermelha irradia Raios dourados. Sobre ela pousa um Ramo com uma Rosa vermelha. Abaixo dela e por trás do Pelicano, está um Ramo de Acácia.

(continua)



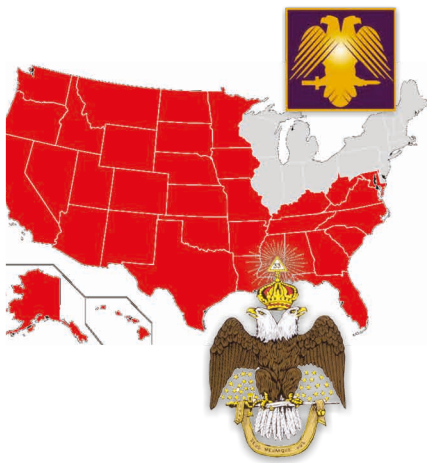
Como dito no início, o pelicano era um símbolo tanto da casa Stuart como do Grau 18. Não é à toa que o R : E : A : A : fascine os pesquisadores...



Regularidade: questão não só de princípios, mas de consciência



Ir.: **Christian Farias Santos**, 33º, KT, SEM, MRA



Caros Irmãos, o título deste trabalho pode parecer um tanto quanto confuso, mas ao longo deste texto estabelecerei um panorama que certamente elucidará a proposição.

Como todos sabemos a questão da regularidade maçônica é condição *sine qua non* para qualquer atividade da Maçonaria conhecida como corrente principal ou mainstre-

am por encerrar em seus princípios universais as condições mínimas para que uma instituição maçônica seja reconhecida como regular. Embora o número de condições varie de uma organização para outra, no âmbito dos Supremos Conselhos do R.:E.:A.:A.:, destacaria as seguintes:

1- **Regularidade de Origem:** um Supremo Conselho é regular quando sua Carta Constitutiva emana de um outro Supremo Conselho regular que por sua vez foi constituído ou consegue traçar sua origem no Supremo Conselho do Grau 33 – Jurisdição Sul – E.U.A., conhecido como “Conselho Mãe do Mundo”.

2- É a única Potência Filosófica com soberania e jurisdição exclusiva no território nacional que ocupa. A única exceção ocorre nos E.U.A., onde existem dois Supremos Conselhos que dividem o território sem entretanto compartilhá-lo. Cada um tem um número específico de Estados onde exerce sua jurisdi-

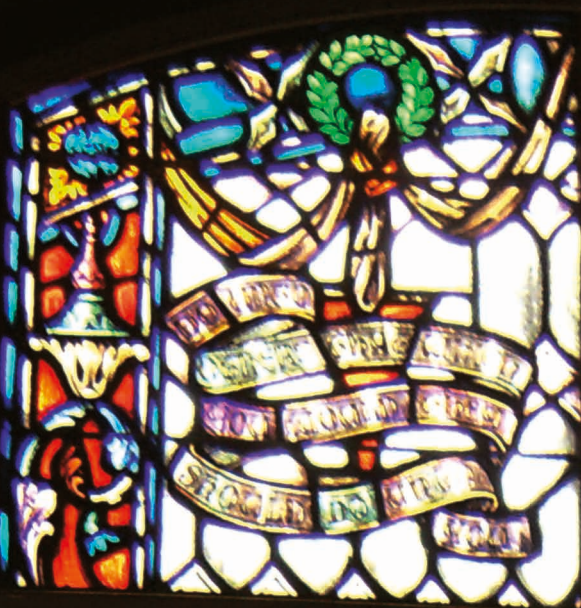


Ao alto, a Catedral do Rito Escocês Antigo e Aceito em Indianápolis, construída em 1929.

Acima, a divisão do território americano entre os dois Supremos Conselhos. A Jurisdição Sul ainda inclui o Alaska e o Hawaii.

Ao lado a Carta Constitutiva de um dos Corpos da Jurisdição Norte que trabalha na Catedral do Rito Escocês em Indianápolis.





ção exclusiva. Este fato se mantém imutável há mais de 200 anos.

Estas condições são claras e de fácil compreensão. Entretanto, em nosso país, ao longo de sua história maçônica concernente aos graus filosóficos do R.:E.:A.:A.:, tivemos períodos de turbulência, porém há um marco definitivo quanto a este aspecto quando da *Reunião dos Supremos Conselhos Mundiais* em Paris, 1929. O *Supremo Conselho do Grau 33 do R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para a República Federativa do Brasil* é a Obediência Filosófica regular e reconhecida por seus pares no mundo inteiro.

Feita esta introdução, onde estabeleceram-se os princípios básicos que fundamentam o Supremo Conselho, passemos a questão da Consciência.

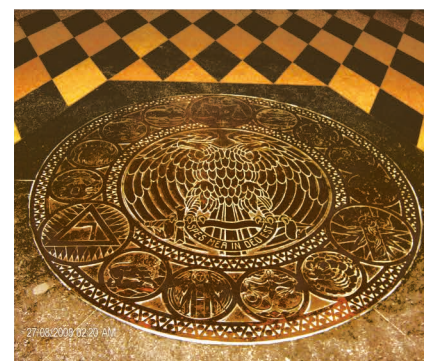
Quando entramos para a Maçonaria, uma boa parte de nós não pos-

sui conhecimento básico sobre a instituição, sua organização e objetivos. É um admirável mundo novo, que pouco a pouco conhecemos. Após algum tempo, contemplamos a cristalização da Maçonaria do Brasil, referente ao simbolismo: uma Federação (*GOB*) e duas Confederações (*CMSB* e *COMAB*).

Atingido o Mestrado e após o período de maturação necessário, o Mestre Maçom é compelido a buscar maior esclarecimento dentro do R.:E.:A.:A.: – o Rito Filosófico mais difundido no mundo. Busca uma Corporação Filosófica, é proposto nela e, se aprovado, inicia sua caminhada na Maçonaria Filosófica. Mas...



Os maravilhosos vitrais datam de 1929 e foram encomendados a artesãos alemães. A Catedral do R.:E.:A.:A.: de Indianápolis é um marco turístico da cidade e seu imenso salão, decorado no estilo Tudor, usado na maioria dos eventos importantes, o que ajuda a custear a manutenção desse tesouro artístico.



Brasão com a águia bicéfala no piso da sala do Irmão Cobridor: a sala é quadrada e mede exatos 33 pés quadrados.



Entrada da Catedral – Salomão No ponto mais alto, acima da Águia bicéfala. Abaixo dela, os Três maus companheiros. Nas Laterais, Hiram, Rei de Tiro e Hiram Abif. Acima das portas, Vemos o dístico: “Whom virtues unites, death cannot separate” (Aqueles que a virtude uniu, a Morte não pode separar)



Diferente da situação da Maçonaria Simbólica, no R.:E.:A.:A.:, temos uma Potência Filosófica com soberania e jurisdição exclusiva territorial. Para os Irmãos oriundos da **CMSB**, o caminho regular prossegue normalmente.

Para os demais... questões começam a surgir – como podem haver outros “Supremos Conselhos”? Serão eles regulares? Serão eles reconhecidos? Quem os reconhece?

Não discutiremos tais questões – pois as premissas iniciais elencadas no começo deste artigo falam por si só.

Entretanto, o Mestre Maçom acha-se numa situação surpreendente – embora iniciado regularmente e mantendo-se regularmente na sua Obediência Simbólica, tem diante de si uma Corporação Filosófica que não atende os princípios da regularidade. Neste momento, muito além dos princípios, começam os questionamentos da consciência. O Mestre Maçom então busca informações para que possa compreender a situação, analisar e tomar uma decisão racional.

Com as fontes corretas, isentas e, sobretudo, fundamentadas não pairam dúvidas: no Brasil, o **Supremo Conselho do Grau 33 do R.:E.:A.:A.: A.: aa Maçonaria para a República Federativa do Brasil** é a Obediência Filosófica regular e reconhecida.

As opções ficam claras: ou se segue ignorando os fatos ou se opta por ser fiel a sua formação maçônica, aquela que o instruiu e que formou sua identidade maçônica. É compreensível, neste momento, observarmos

que a questão gera ansiedade e mesmo certo constrangimento. Afinal, a formação maçônica indicava um determinado caminho que, agora, mostra-se muito diferente do vislumbre inicial.

Entretanto, imbuído da condição de livre pensador, logo a resposta lógica revela-se aos nossos olhos. Então uma nova jornada começa, deve-se buscar orientação – e mesmo aconselhamento – para saber quais os passos a seguir para se obter a regularização junto ao **Supremo Conselho**, que tem autoridade absoluta em decidir como e quando tal processo deve ocorrer. Análise criteriosa é então executada. Não havendo entraves, a tão sonhada regularização ocorre e nasce uma nova visão de mundo.

Afinal, o cosmopolitismo do Rito Escocês Antigo e Aceito nos leva a conhecer a sua difusão em diversos países, conferindo a possibilidade de se visitar Irmãos de diversas culturas e formações por ele unidos.

Passo agora então a apresentar a oportunidade que tive em uma viagem ao ter o privilégio de visitar o Oriente de Indianapolis, no Estado de Indiana – onde a jurisdição pertence ao **Supremo Conselho do R.:E.:A.:A.: Jurisdição Maçônica Norte**. Lá tivemos a oportunidade, juntamente com Irmãos brasileiros e guatemaltecos, de conhecer a belíssima Catedral do Rito Escocês – de onde alguns aspectos arquitetônicos servem tanto para nos encher os olhos com beleza quanto sabedoria.



Militar e Maçom



A Batalha de Avaí, quadro de Pedro Américo (1843-1903), Museu Nacional de Belas Artes

Ir.: Paulo Roberto da Silveira, 33º
Em comemoração aos dias do Maçom e do Soldado

Diz a prudência que em momentos de muita emoção em que devemos externar nossos sentimentos, que o façamos por escrito, a fim de evitar as infalíveis armadilhas que o coração nos arma, razão pela qual escrevi algumas palavras que de certa forma traduzem o meu pensamento e que gostaria de compartilhar com todos os presentes:

Falar de militar e maçom é falar de temas conflitantes senão vejamos: O primeiro é formado para cumprir a mais difícil missão de um ser humano: matar! O segundo tem por objetivo tornar feliz a Humanidade pelo amor e pelo aperfeiçoamento dos costumes, pela Tolerância, pela igualdade, pelo respeito a autoridade e a crença de cada um.

O primeiro pensamento que ocorre quando se fala em militar é um quartel.

É dentro do quartel, o Templo do militar que ele vive e se exercita, em permanente vigília, nas intensas atividades de todos os dias, tornando-se coeso e adquirindo sua alma vigília, nas intensas atividades de todos os dias, tornando-se coeso

e adquirindo sua alma coletiva. É onde se adentra e se mantém preparado para as grandes missões constitucionais de fazer respeitar a soberania do Estado brasileiro, em suas relações com constitucionais de fazer respeitar a soberania do Estado brasileiro, em suas relações com outros Estados e de mantenedores da Constituição, seja pela eventual intervenção ativa, seja pela simples ação de presença, os militares desempenharam, desempenham e desempenharão relevante papel na formação e na evolução histórica da nacionalidade.

Aspecto mais importante dessa tarefa: preservação da própria unidade da Pátria, pela eliminação ou neutralização dos agentes desagregadores que a ela se opõem.

Patrono do Exército Brasileiro, Caxias aparece com Osório, que é o patrono da Arma de Cavalaria, tal como aparecem no quadro de Pedro Américo. São paradigmas como militares, Maçons e cidadãos,

Plasma-se o espírito do militar, na nobreza dos ideais que o animam, nas vibrações do civismo que lhe dão consistência patriótica, inspirando-se em deveres que se sobrepõem a vontade de cada um, em obediência aos mandamentos superiores em que se educa, acima de tudo, para o serviço da Pátria.

O espírito militar retempera-se e sublima-se na unção cívica com que reverencia os símbolos nacionais, na escalação patriótica com que cultua os heróis do passado, construtores das glórias nacionais, e na iden-

Comum em todo o mundo, o laço que une os Maçons está bem representado nesta estatueta que reproduz o famoso monumento Friend to Friend (de amigo para amigo), alusivo à batalha de Gettysburg, em que o Ir.: Lewis Armistead, general dos confederados, ferido mortalmente, recebe cuidados do Ir.: Henry A. Bingham, capitão do Exército da União.



tidade desse sacerdócio, em cuja prática se nivelam, como irmãos de armas, todos os brasileiros, ricos ou pobres, negros ou brancos, católicos, protestantes, judeus e espíritas, no nobre tributo patriótico.

Eis o MILITAR; sem dúvida, uma parte do povo, a mais representativa, porque, nele reúnem-se classes, confundem-se níveis sociais, ignoram-se credos e partidos, esquecem-se desigualdades e diferenciações, e irmanam-se todos na sã camaradagem dos quartéis – o TEMPLO do MILITAR. Nele, há apenas o cidadão brasileiro posto ao serviço da Pátria, preparando-se para defendê-la, velando pela sua segurança em atalaia permanente, e mantendo no decurso dos tempos, a sua integridade e soberania, e guarneecendo, com fé inquebrantável, os redutos dos seus anseios de liberdade e progresso, dentro da ordem e da democracia!

E o que é ser MAÇOM? Ser MAÇOM é ser tudo isto que foi dito do MILITAR.

Assim como o MILITAR pertence às FORÇAS ARMADAS, o MAÇOM pertence à MAÇONARIA, e o que é a MAÇONARIA? Não é fácil definir maçonaria. Ela não é uma religião, nem uma associação dogmática, mas crê dogmaticamente na existência de um PRINCÍPIO CRIADOR, sob a denominação de GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO — muito menos uma Teoria política ou um partido. Também não é uma corrente filosófica ou sistema individualista. Mas não exclui a religião, a política ou a filosofia. Seu conceito fica como uma sociedade secreta – apenas pelos meios de reconhecimento entre seus membros – é filantrópica e educativa, destinada a reunir homens de boa vontade que se proponham a debater e equacionar os grandes problemas da humanidade, do seu tempo, de sua Pátria e de sua comunidade, lutando pela realização das soluções. Cultua valores básicos e imutáveis, como a existência de um Princípio Criador, falado anteriormente, cultua a filosofia liberal, o patriotismo, a liberdade de pensamento e a intangibilidade da família. É universal, mas



Em 1969, o Ir.: Edwin 'Buzz' Aldrin levou consigo, na viagem da cápsula espacial Apolo 11 à Lua, uma bandeira do Supremo Conselho Jurisdição Sul - USA. Hoje, está em exposição no Museu do SC, em Washington.

não antipatriótica ou desnacionalizante; é tradicionalista, mas não se opõe à evolução; tem uma unidade doutrinária, mas admite a diversificação, de acordo com a característica e história de cada povo; é uma trincheira de liberdade, mas respeita a autoridade e a Lei. Maçonaria é uma Instituição Filantrópica, filosófica, progressista e educativa, tendo por objetivo, a indagação da verdade, o estudo da moral e a prática da solidariedade, trabalhando pelo melhoramento moral e material e pelo aperfeiçoamento intelectual e social da Humanidade. Sua divisa é: LIBERDADE, IGUALDADE e FRATERNIDADE. Seus princípios são: Tolerância, Respeito mútuo e Liberdade absoluta de consciência.

A Maçonaria é uma Ordem de Comunhão Universal de Homens Livres e de bons costumes, de qualquer nacionalidade, credo ou raça, todos admitidos por Iniciação e congregados em Lojas, nas quais, por métodos ou meios racionais, auxiliados por símbolos e alegorias, com a constante investigação da verdade e o máximo de estímulo à ciência e as artes, estudam e trabalham para a Construção da Sociedade Humana, fundamentada no Amor ao pró-

ximo e na Paz Universal e na Evolução, para o máximo de felicidade e bem estar para todos.

Eis o MAÇOM! Sem dúvida um cidadão, que pertence a uma Instituição que tem por objetivo tornar feliz a Humanidade, pelo amor e pelo aperfeiçoamento dos costumes, pela tolerância, pela igualdade, pelo respeito à autoridade e à crença de cada um, para tanto se reúnem em Templos – o QUARTEL do MAÇOM – para combater a tirania, a ignorância, os preconceitos e os erros, e glorificar o Direito, a Justiça e a Verdade; para promover o bem estar da Pátria e da Humanidade, levantando Templos à virtude e cavando masmorras ao vício.

Concluindo: Pelo que acabamos de falar podemos afirmar sem sombra de dúvidas que o MAÇOM é um MILITAR de avental e o MILITAR é um MAÇOM fardado!

O Supremo Conselho Jurisdição Sul - USA lançou este medalhão em 1979 para comemorar o décimo aniversário da viagem da Apolo 11. Em todas as esferas da vida civil e militar os Maçons estão presentes, lá e aqui.



O Pensamento Vivo de **Albert Pike**

Moral and Dogma



Nota ao Leitor

É preciso considerar que **Albert Pike** escreveu em outra época e em outro contexto. Mentes menos abertas normalmente implicam com o título de sua obra magna, *Morals and Dogma*. Para entender melhor as intenções dele, transcrevo parte do Prefácio da obra:

“O Rito Escocês Antigo e Aceito usa a palavra Dogma em seu verdadeiro sentido, o de doutrina ou ensinamento; e não tem nada do sentido odioso do termo dogmático. Cada um é inteiramente livre para discordar ou rejeitar do que quer que lhe pareça falso ou falacioso. Tudo que se requer dele é que avalie o que é ensinado e dê um julgamento justo e sem preconceitos.”

O conselho serve bem para nós, mais de um século depois...

J. W. Kreutzer Bach

Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano Grau 22

Tradução livre de
J. W. Kreutzer Bach

Simpatia para com as grandes massas trabalhadoras, respeito pelo próprio trabalho e a resolução de realizar algum trabalho bom em nossos dias, estas são as lições deste Grau. E são puramente maçônicas. A Maçonaria fez do trabalhador e seus associados os heróis de sua lenda principal e até companheiro de Reis. A ideia é tão

simples quanto sublime. Do início ao fim, Maçonaria é trabalho. Ela venera o Grande Arquiteto do Universo. Comemora a construção de um Templo. Seus principais símbolos são as ferramentas de trabalho de Maçons e Artesãos. Ela preserva o nome do primeiro trabalhador em metal e ferro como uma de suas palavras de passe. Quando os Irmãos se reúnem, estão trabalhando. O Mestre é o supervisor que chama os operários ao trabalho e dá-lhes as devidas instruções. Maçonaria é a apoteose do Trabalho.

Foram as mãos de homens corajosos e esquecidos que fizeram deste um mundo grande, populoso e cultivado para nós. Tudo é trabalho e trabalho esquecido. Os conquistadores reais, criadores e proprietários eternos de cada terra grande e civilizada são as almas heroicas que nela habitaram, cada qual em seu lugar: os homens que derrubaram florestas e drenaram pântanos, que nela desenvolveram sistemas inteligentes e que fizeram ou disseram algo de verdadeiro ou corajoso. Somente o trabalho genuíno, fielmen-





O mais famoso exemplo de iluminura medieval francesa é uma coleção de orações para as horas canônicas, As Muito Ricas Horas do Duque de Berry. Mesmo quando a adulação da nobreza e do clero era preeminente, o trabalho duro sensibilizava os artistas.

de desaparecem, tornam-se coisas que nunca foram. Mas nosso trabalho não é apagado nem desaparece. Ele permanece, ou a necessidade dele permanece, para a Eternidade sem Fim.

Moralidade, inteligência, paciência, perseverança, fidelidade, engenhosidade, energia – em suma, o que quer da força que o homem tem em si permanecerá gravada no trabalho que fizer. Trabalhar é testar-se contra as a Natureza e suas leis infalíveis e permanentes. E elas dar-lhe-ão seu veredito.

O épico mais nobre é um império construído pouco a pouco, uma série de ações heroicas, uma poderosa conquista sobre o caos.

Ações são maiores do que palavras. Elas têm uma vida, silenciosa mas inegável. E crescem, preenchendo o vácuo do Tempo, tornando-o fértil e digno.

te realizado, é eterno, tal como o do próprio Todo Poderoso Fundador e Construtor de Mundos. Todo trabalho é nobre. Uma vida de ócio não cabe ao homem nem a nenhum deus. O Todo Poderoso Construtor não é como aquele que, nas épocas imemoriais, tendo feito esta máquina que é o Universo, senta-se para sempre para assistir. Dessa ideia é que nasce o ateísmo. A fé em uma divindade invisível, inominável e governante, presente em toda parte e em tudo que vemos, trabalhamos e sofremos é a essência de toda Fé.

A vida de todos os deuses se nos apresenta como um sublime empenho, uma batalha infinita contra um trabalho infinito. Nossa religião denomina-se Adoração da Dor. Para o Filho do Homem, não há coroa nobre, mas uma coroa de espinhos. O destino mais alto do homem não é ser feliz, amar

e boas coisas e encontrá-las. Sua única infelicidade é que não possa trabalhar e cumprir com seu destino de homem.

O dia passa rápido, nossa vida passa rápido e vem a noite, em que homem nenhum pode trabalhar. Uma vez que a noite chegue, nossa felicidade e nossa infelicida-

Newton e, no detalhe, O Eterno (The Ancient of Days), gravuras de William Blake



"A abelha atarefada não tem tempo para a tristeza", celebrou William Blake (1757-1827), pintor e poeta inglês. Contrário às teorias dos iluministas e de Isaac Newton, ainda assim ele coloca nas mãos do sábio o mesmo compasso que retratara nas mãos do Eterno.



Colheita de verão, óleo do pintor holandês Pieter Brueghel, o moço (1564-1636)

“Há uma nobreza perene e mesmo sacralidade no trabalho. Haverá sempre esperança para o homem que trabalha com afincó.”

O Trabalho é o mais verdadeiro dos emblemas de **Deus**, o Grande Arquiteto e Eterno Feitor. O Trabalho nobre ainda será reconhecido como o Rei desta Terra e sentar-se-á no mais alto dos Tronos.

Homens sem deveres a realizar são como árvores plantadas à beira de precipícios, de cujas raízes a terra se desprende. Não há um só homem na natureza que não seja um mártir. Ela desdenha daquele protegido das necessidades, perigos e dificuldades, contra os quais o trabalho é a vitória. Ainda assim, há homens que se orgulham de que eles e os seus jamais trabalharam. Os porcos também não.

O líder entre os homens é aquele que luta à frente, afrontando o perigo que amedronta os demais e que, se não for vencido, devorará a todos. **Hércules** era adorado pelos doze trabalhos. O Czar da Rússia tornou-se operário construtor de navios e trabalhou com seu machado nos estaleiros de Sardam e muito veio de sua experiência. **Cromwell** trabalhava, como também **Napoleão**. E também realizaram.

Há uma nobreza perene e mesmo sacralidade no trabalho. Haverá sempre esperança para o homem que trabalha com afincó. No ócio estará sempre o desespero perpétuo. O homem se aperfeiçoa pelo

trabalho. [...] Mesmo no trabalho mais insignificante, a alma do homem se harmoniza no momento em que ele começa a trabalhar. Dúvidas, desejos, aflições, remorso, indignação e mesmo desespero se encolhem em suas cavernas sempre que o homem se entrega resolutamente à sua tarefa. Trabalho é vida. Do ponto mais recôndito do coração daquele que trabalha brota sua força de inspiração divina, a essência sagrada de vida nele soprada pelo Deus Todo Poderoso, para despertar-lhe sua nobreza tão logo o trabalho começa. Pelo Trabalho o homem aprende Paciência, Coragem, Perseverança, torna-se aberto à iluminação, aceita admitir seus erros e decide-se a fazer o melhor e a evoluir. Só pelo trabalho o homem continuamente aprende as virtudes. Não há religião na estagnação e no marasmo, mas somente na atividade e no esforço. A mais profunda das verdades estava no ditame dos velhos monges: laborare est orare. “Ora melhor aquele que ama todas as coisas, as grandes e as pequenas” – e pode o homem amar se não trabalhar honestamente



Pedro, o Grande, quadro de Paul Delaroché (1797-1856)

Pedro, o Grande, Czar de todas as Rússias, modernizou seu império. Ele percorreu a Europa Ocidental, estudou construção naval e trabalhou nos estaleiros das Índias Orientais, empresa de comércio marítimo holandesa.



tem em benefício daqueles a quem ama”

“Trabalhais e sereis bem.” Este é o mais antigo dos evangelhos. Simples, mas perene. Fazer da desordem onde quer que esteja, um inimigo eterno; atacá-la e subjugá-la, trazê-la à ordem, uma súdita não mais do Caos, mas da Inteligência, da Divindade e de nós mesmos. Atacar a ignorância, a estupidez e a brutalidade, onde quer que esteja, para erradicá-las incansavelmente com sabedoria e não descansar enquanto elas e nós vivermos, em nome de Deus. Este é nosso dever como Maçons, ditada a nós pelo Altíssimo.

Ele, com sua voz não falada, mais terrível que os trovões do Sinai ou o sibilar dos furacões, fala conosco. As épocas passadas e as velhas sepulturas empoeiradas falam conosco. Das profundezas dos Reinos das Sombras às Estrelas em seu curso, o Espaço e o Tempo, todos nos admoestam silenciosamente a trabalhar enquanto há um hoje. O Trabalho, imenso como a Terra, tem seu cume no Firmamento. Trabalhar, seja com o suor na frente, com o cérebro ou com o coração é o mesmo que adorar – a mais nobre das coisas sob as Estrelas.

Que o fatigado deixe de pensar no trabalho como uma maldição lançada pela Divindade. Sem ele, não haveria excelência na natureza humana. Sem ele, sem dor e sem aflição, onde estariam as vir-



Colheita em La Crau, ao fundo o Montmajour, óleo de **Vincent Van Gogh** (1853-90)

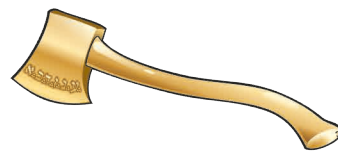
tudes humanas? Onde estariam a Paciência, a Perseverança, a Aceitação, a Energia, a Bravura, e o Altruísmo?

Que aquele que trabalha não se queixe nem se sinta humilhado!

Que ele olhe para o alto e veja seus companheiros de trabalho na Divina Eternidade. Mesmo na fraca memória humana, eles sobrevivem, como Santos, Heróis e Deuses; só eles sobrevivem e povoam a incomensurável solidão do Tempo. [...]

O Dever está sempre conosco e nos proíbe de estar ociosos. Trabalhar com as mãos e o cérebro, de acordo com o que nos é requerido e nossas capacidades, fazer

“A Maçonaria defende a nobreza do trabalho. É a ferramenta dos Céus para o desenvolvimento humano. Foi conspurcada através dos tempos, mas a Maçonaria deseja exaltá-lo de novo.” O Grau de Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano é parte desta exaltação.



“Laborare est orare – Ora melhor aquele que ama todas as coisas, as grandes e as pequenas”



Artesãos no trabalho, baixo-relevo do escultor inglês **Henry Hugh Armstead** (1828-1905), fotografia de **Jacqueline Banerjee**





A Catedral de Chartres, construída entre 1194 e 1250, hoje considerada pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade, exibe magníficos vitrais, entre os quais se exalta o trabalho dos mais diversos artesãos da Idade Média, entre eles os maçons, aqui empenhados na construção de uma igreja.

o que está diante de nós para fazer, é mais nobre do posto e título. Lavradores, fiadores e construtores, inventores e homens de ciência, poetas, advogados e escritores, todos estão no mesmo nível e formam um grande e inumerável exército, marchando para a frente desde o começo do mundo, cada qual merecedor de nossa simpatia e respeito, cada um um homem e nosso irmão.

Foi bom que fosse dada a terra ao homem como uma massa escura para nela trabalhar. Foi bom prover materiais feios e rudes, nas pedreiras e nas florestas, para que ele pudesse moldá-los em esplendor e beleza. Foi bom, não por causa desse esplendor e dessa beleza, mas para que fossem criados

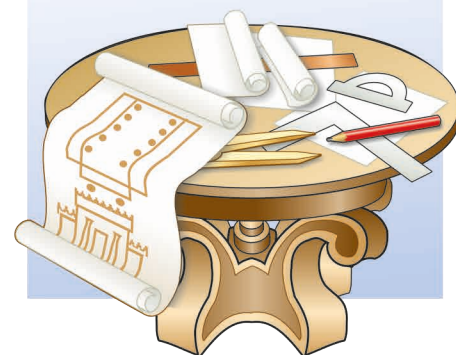
melhores do que eram. Porque o esforço é mais nobre do que a satisfação, porque o que trabalha é melhor e mais digno de honra do que o ocioso.

A Maçonaria defende a nobreza do trabalho. É a ferramenta dos Céus para o desenvolvimento humano. Foi conspurcada através dos tempos, mas a Maçonaria deseja exaltá-lo de novo. Foi aviltado porque o homem labora apenas porque tem que laborar, submetendo-se a ele como algo degradante e desejando escapar dele. Submete-se às grandes leis do trabalho externamente, mas as aviltam internamente: eles a cumprem com músculos, mas não com o espírito.

A Maçonaria ensina que todo ocioso deveria ocupar-se em algum tipo de trabalho, manual ou mental, como um enredo escolhido para o seu desenvolvimento. Mas a isto ele não é motivado a fazer pelos ditames de uma civilização imperfeita. Ao contrário, ele se senta, cruza os braços e se satisfaz com seu ócio.

É mais que tempo que esse opróbrio seja desfeito. Envergonhar-se do trabalho, da oficina do trabalho engordurada ou do campo poeirento; da mão calosa, marcadas pelo serviço mais nobre do que o da guerra; das vestes surradas, nas quais a Mãe Natureza estampou suas cores heráldicas pelas chuvas e pelos raios de sol. Enfim, envergonhar-se desses sinais para invejar vestes brilhantes da vaidade e do ócio, imbecis que são, isto é traição à Natureza, impiedade com os Céus e uma quebra para com as Ordenanças Celestiais. O labor com cérebro, coração e mãos é a única verdadeira masculinidade e a genuína nobreza.

(Continua)



Antes de tudo, atualize seus dados cadastrais:
www.sc33.org.br/recadastramento

Confraternizar é preciso!

Para isto foi criado o **Passaporte do Supremo Conselho**. Ele o identificará como Maçom Regular em toda parte. Além disto, com os autógrafos de Maçons de outros Corpos regulares,

será testemunha viva de sua carreira de Irmão ativo e consciente.

Peça agora seu Passaporte à Secretaria do Supremo Conselho:

passaporte@sc33.org.br



Porta comenda



Novidade muito prática: permite que sua comenda fique à vista, pendurada no bolso do paletó. Não só protege sua comenda como evita furar o paletó.

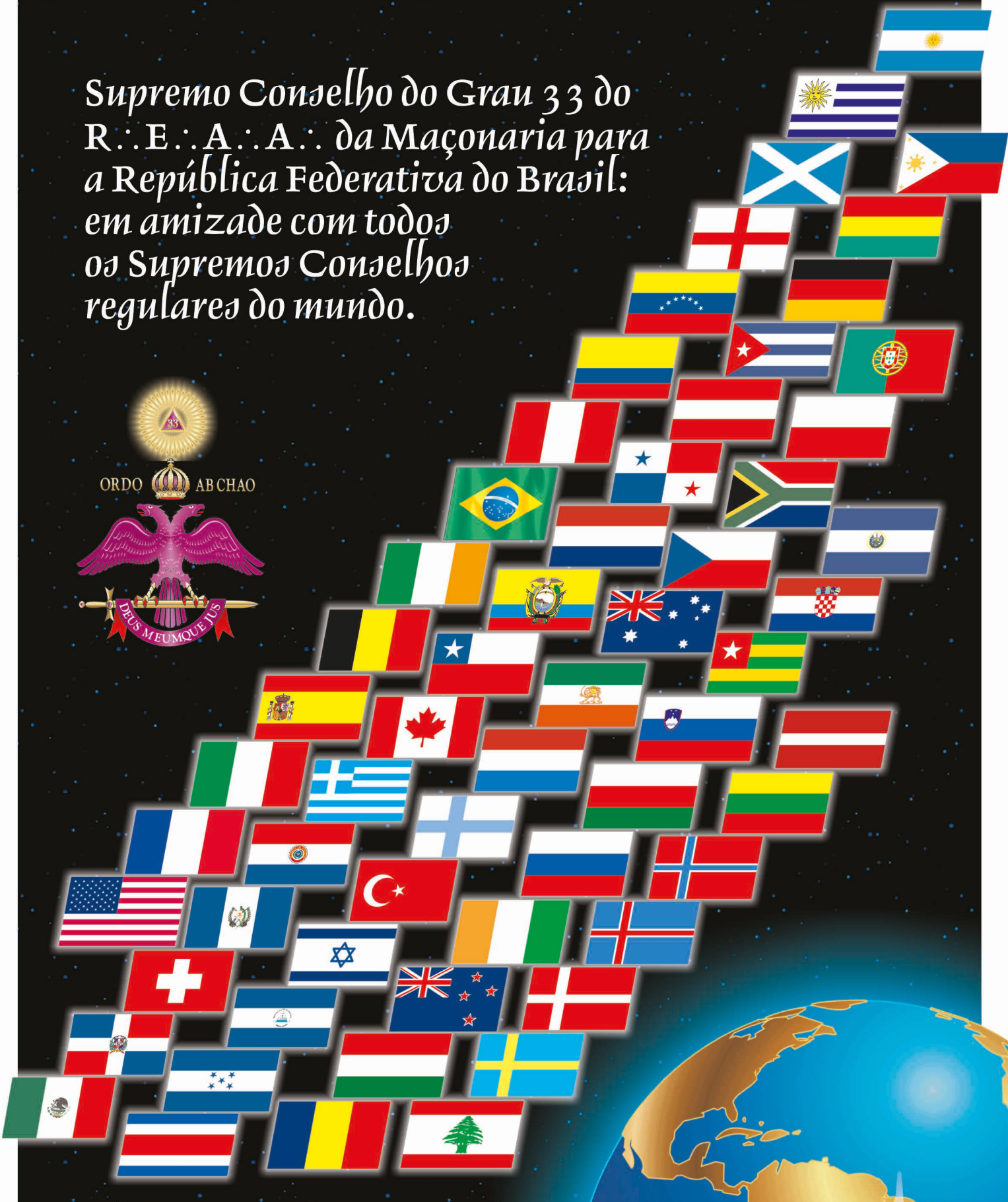
Peça agora o seu à

secretaria@sc33.org.br

Sempre novidades!



*Supremo Conselho do Grau 33 do
R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil:
em amizade com todos
os Supremos Conselhos
regulares do mundo.*



Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro - Brasil
Tels: (21) 3369-8000
secretaria@sc33.org.br / <http://www.sc33.org.br>